

CINEMA, IDENTIDADES E IMAGINÁRIOS: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DO FILME “A SECRETÁRIA”.

David Roberto de Moura¹

Marcella Lane de Oliveira Souza²

Louis Guillaume Théodore Bueno Santos Martins³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a construção da identidade discursiva de uma secretária executiva a partir da personagem Lee Holloway, no filme *A Secretária* (2002). Utilizamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso desenvolvida por Patrick Charaudeau (2017, 2018) para analisarmos as estratégias linguísticas utilizadas na construção dessa identidade em um contexto marcado por fortes relações hierárquicas, por estereótipos, e os imaginários sociodiscursivos que atravessam as interações cotidianas de uma secretária executiva. A metodologia utilizada é qualitativa e serviu para compreendermos como o filme aborda as relações entre personagens, linguagem e dinâmicas de poder e submissão. Concluímos que o filme não constrói a identidade discursiva da secretária como uma agente de alta performance, mas a reduz a um estereótipo hipersexualizado e reproduz imaginários sociodiscursivos que desqualificam a inserção da mulher em ambientes organizacionais.

Palavras-chave: Identidade discursiva. Imaginário sociodiscursivo. Secretariado Executivo. Análise do Discurso. Filme.

ABSTRACT

This study aims to investigate the construction of the discursive identity of an executive secretary through the character Lee Holloway in the film *Secretary* (2002). The theoretical framework used is based on the Discourse Analysis developed by Patrick Charaudeau (2017, 2018), which allows us to examine the linguistic strategies employed in the construction of this identity within a context marked by strong hierarchical relations, stereotypes, and the sociodiscursive imaginaries that permeate the everyday interactions of an executive secretary. The qualitative methodology employed helped us to understand how the film addresses the relationships between characters, language, and the dynamics of power and submission. We conclude that the film does not build the secretary's discursive identity as a high-performance agent, but reduces her to a hypersexualized stereotype, and it reproduces some socio-discursive imaginaries that disqualify the insertion of women in organizational environments.

Keywords: Discursive identity. Sociodiscursive imaginary. Executive Secretariat. Discourse Analysis. Film.

¹ Graduando em Secretariado Executivo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

² Graduanda em Secretariado Executivo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

³ Orientador e Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É Doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

1 INTRODUÇÃO

O cinema é uma fonte discursiva e cultural de grande relevância para pesquisas que investigam a linguagem em uso, pois se configura como uma instância de enunciação que reflete, de certa forma, os contextos de produção dos discursos, os imaginários sociais, os valores, as crenças e os estereótipos que circulam em nossa sociedade.

A escolha de um filme que tem como personagem principal uma secretária executiva nos permite compreender como a construção discursiva da identidade de uma mulher é atravessada por estereótipos e transformações sociais intrínsecos à presença feminina no ambiente de trabalho.

Ademais, ao observarmos as representações de secretárias veiculadas em outros gêneros discursivos como, por exemplo, séries, novelas, músicas, obras literárias, é evidente que em sua maioria a secretária é retratada como uma mulher submissa, hipersexualizada, sem formação acadêmica, exercendo funções simplistas, reforçando-se, assim, determinados estereótipos e imaginários sociodiscursivos que não correspondem à realidade da profissão.

Podemos mencionar o filme *Nove e Meia Semanas de Amor* (1986), no qual a protagonista Elizabeth, interpretada por Kim Basinger, trabalha como assistente numa galeria de arte. Ela é retratada no ambiente corporativo sob um viés sensual, destacando a associação entre secretárias e a figura da mulher sexualizada no ambiente de trabalho.

Em *Mad Men* (2007-2015), série estadunidense, a personagem Joan Holloway, interpretada por Christina Hendricks, é uma secretária competente e estratégica, e também representada por meio de apelo sexual, sendo frequentemente objetificada no ambiente de trabalho.

Na novela brasileira *Amor à Vida* (2014), a personagem Aline Noronha, interpretada por Vanessa Giacomini, é a secretária de um hospital de grande porte e tem uma representação construída como secretária sensual e submissa ao patrão, além de possuir uma personalidade de vilania.

No universo musical, diversas canções veiculam a representação hipersexualizada da mulher como, por exemplo, a música *Secretária* (2001), de Amado Batista. Nessa canção, a descrição da secretária é delineada a partir de sua atuação laboral e da visão sexualizada que seu chefe possui acerca dela, conforme no seguinte excerto e que é reforçado por meio das imagens veiculadas no videoclipe: “Secretária, que trabalha o dia inteiro comigo, estou correndo um grande perigo de ir parar no tribunal; Secretária, às vezes penso em falar contigo, mas tenho medo de ser confundido por um assédio sexual”.

Nesse particular, esta pesquisa se justifica na relevância de investigarmos a construção, no âmbito do cinema, da identidade discursiva de personagens que exercem profissões majoritariamente femininas, por exemplo a secretária executiva, e a veiculação de estereótipos e imaginários sociodiscursivos nessas dinâmicas que envolvem estreitas relações entre ficção e realidade. Assim, selecionamos como *corpus* deste estudo a obra cinematográfica *A Secretária*, dirigida por Steven Shainberg e divulgada nos cinemas nacionais em 2002.

Adotamos os pressupostos da Análise do Discurso desenvolvida pelo linguista Patrick Charaudeau para compreendermos como ocorre o processo de construção de identidades e a veiculação de imaginários nas produções discursivas das personagens. A análise da identidade discursiva da secretária é essencial porque reflete uma construção cultural que reflete e impacta diretamente a forma como essas profissionais são vistas em nosso cotidiano.

Face ao exposto, o presente trabalho tem como questão norteadora: **Quais são as relações estabelecidas entre identidade discursiva, cinema e imaginários, a partir da personagem Lee Holloway, no filme *A Secretária* (2002)?** O objetivo geral é compreender como a construção da identidade discursiva da personagem se apresenta no filme, considerando-se os aspectos históricos, sociais e culturais que dialogam com a inserção da mulher no mercado de trabalho, especificamente por meio da profissão de secretária executiva.

No que se refere aos objetivos específicos, buscamos identificar e analisar as estratégias linguísticas que são utilizadas para a construção dessa identidade discursiva; desvelar os estereótipos de gênero e os imaginários sociodiscursivos evocados; estabelecer relações entre cinema, identidades e imaginários por meio de uma abordagem discursiva.

Este artigo está organizado em três partes. Primeiramente, apresentamos alguns elementos relevantes acerca do desenvolvimento histórico da profissão secretária executiva e os pressupostos teóricos sobre identidade e imaginário sociodiscursivo. Na segunda parte, são delineados os procedimentos metodológicos da pesquisa e as análises linguístico-discursivas dos dados coletados. Por fim, são expostas as considerações acerca das relações estabelecidas entre cinema, identidades e imaginários sociodiscursivos.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA PROFISSÃO SECRETÁRIA EXECUTIVA

Nos dias atuais, a visão generalista, as técnicas de liderança e o relacionamento interpessoal tornam a secretária executiva uma profissional de excelência para o desenvolvimento de atividades relacionadas a pensamentos estratégicos, comunicação, iniciativa, comportamento e ética, conforme aponta Borth *et al* (2013). Isto é, a secretária executiva exerce um papel versátil, atuando como intermediária entre empresas, clientes e a sociedade em variados ambientes organizacionais. Ressalte-se que esse papel está significativamente relacionado à formação acadêmica e profissional ofertada por meio dos cursos de graduação em Secretariado Executivo nas universidades.

No Brasil, essa profissão é regulamentada pelas leis nº 7.377/85 (Brasil, 1985) e nº 9.261/96 (Brasil, 1996), as quais regem a formação e a atuação do profissional de secretariado executivo. No entanto, ainda há equívocos em relação à atuação da secretária executiva como, por exemplo, o fato de que muitas vezes suas funções são erroneamente comparadas às de uma governança familiar, como pontua Silva (2021, p. 22) à luz de Sabino e Rocha (2004).

Historicamente, conforme os estudos de Azevedo e Costa (2006) e Sabino e Rocha (2004), o Secretariado tem seus primeiros indícios no período de 365 a.C - 323 a.C, quando o imperador Alexandre Magno rodeava-se dos chamados escribas: pessoas do sexo masculino que registravam informações, grandes feitos e os principais acontecimentos diários. Os escribas eram homens próximos da autoridade máxima, e por isso, possuíam o privilégio de serem um dos poucos alfabetizados daquele período. Esses profissionais além de assessorar diretamente seu superior na escrita, obtinham conhecimentos em matemática, contabilidade, processos administrativos gerais, e até mesmo em áreas como agrimensura, mecânica e desenho arquitetônico, argumentam Sabino e Rocha (2004).

Segundo Reis (2012, p. 16) e Barros, Ezequiel e Silva (2011, p. 173) a Primeira e Segunda Guerra Mundial desempenharam um importante papel na inserção em massa da presença feminina nas funções de assessoramento organizacional. Durante esses conflitos, os homens foram convocados para os campos de batalha, e por isso, as mulheres passaram a ocupar suas posições nos escritórios. Reis (2012, p. 23) também aponta que as mulheres se destacaram nesse ofício devido à habilidade de organização que possuíam, uma característica vinculada à cultura doméstica. Ao longo da década de 1930, essa mudança transformou o secretariado em uma profissão quase exclusivamente feminina, no século XX as mulheres já ocupavam um número expressivo na posição de secretárias.

Em contexto brasileiro, as secretárias durante a década de 50 atuavam na estrutura empresarial multinacional, executando poucas técnicas secretariais, como atendimento telefônico e recepção, recebendo salários significativamente inferiores aos pagos aos homens (Aragão, 2010, p. 13).

Nota-se o ressurgimento da figura masculina na profissão de secretariado para suprir as necessidades do mercado diante da globalização e das dinâmicas administrativas. A evolução do gênero na profissão acompanha o avanço da globalização, conforme Carvalho e Grisson (1998, p. 463):

O profissional secretário participante do processo de globalização, desenvolve e aprimora diariamente suas habilidades de comunicação, além do telefone, fax, e-mail e internet. Ele é o navegador de informações, frequentemente interpretando e traduzindo a multidiversidade de culturas e linguagem, sendo o elo entre a tecnologia e a realidade. (Carvalho e Grisson, 1998, p. 463).

Alguns fatos impulsionaram o reconhecimento da profissão como, por exemplo, a oficialização do Dia da Secretária no Brasil em 26 de outubro de 1977 (celebrado anualmente no dia 30 de setembro), e a regulamentação da profissão por meio da Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985, conforme destacado por Martiello e Laimer (2011).

Ademais, Reis e Marreiro (2018) ressaltam que o profissional da área secretarial foi conquistando espaço nas organizações, assumindo funções de gestão e participando ativamente de diversos processos. No entanto, ao se examinar a construção da identidade profissional no contexto das relações de trabalho, percebe-se que esse processo foi marcado por aspectos contraditórios e sedimentados, refletindo práticas elitistas e sexistas que forjam uma imagem estereotipada da profissão.

De modo geral, observa-se que a profissão secretarial foi inicialmente associada aos altos postos hierárquicos, sendo exercida por um grupo restrito e privilegiadamente especializado. Por conseguinte, destaca-se o processo de feminização da profissão, que se acentuou ao longo do tempo, restringindo-a ao público feminino. Embora a profissão tenha sido um dos veículos pela qual as mulheres ingressaram no mercado de trabalho no início do século XX, esse processo, em muitos aspectos, continua a refletir a condição subalternizada das mulheres dentro de uma sociedade fortemente patriarcal e hierarquizada. Nessa perspectiva, é possível perceber que a construção da identidade da profissão secretarial foi marcada por mudanças antagônicas, permeadas por conflitos de classe social e gênero, argumentam Reis e Marreiro (2018, p. 106).

Na seção a seguir, apresentamos os principais pressupostos teóricos sobre identidades e imaginários sociodiscursivos que norteiam as análises desenvolvidas neste estudo.

3 IDENTIDADE E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Patrick Charaudeau (2009) nos apresenta a ideia de que a identidade é composta por três dimensões principais: biológica, psicossocial e comportamental. A dimensão biológica está relacionada ao corpo, englobando aspectos físicos e biológicos que definem o indivíduo. A dimensão psicossocial refere-se à percepção de quem o indivíduo é, incluindo suas características internas e a maneira como se enxerga no contexto social. Por fim, a dimensão comportamental reflete o modo como o indivíduo age em diferentes situações, revelando sua identidade por meio de suas ações e interações.

A identidade social, por sua vez, é fundamentada no reconhecimento que um indivíduo recebe de outros em um contexto coletivo. Esse reconhecimento se constrói a partir de normas institucionais e valores aceitos socialmente, conferindo legitimidade ao sujeito. Contudo, essa legitimidade pode ser questionada em casos de ações consideradas imorais ou contrárias aos valores sociais.

Por sua vez, a identidade discursiva é formada no momento da enunciação, sendo definida pela maneira como o sujeito se posiciona e expressa suas ideias. Embora influenciada pela experiência coletiva, ela é construída por escolhas individuais. Essas escolhas podem tanto reforçar quanto mascarar a identidade social do sujeito. Na prática, a identidade discursiva de um político pode ser ajustada para agradar diferentes públicos, divergindo da sua identidade social.

Charaudeau (2009, p. 317) afirma que:

Assim, a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários socio-discursivos. Ao contrário da identidade social, a identidade discursiva é sempre algo “a construir - em construção”. Resulta de escolhas do sujeito, mas leva em conta, evidentemente, os fatores constituintes da identidade social. (Charaudeau, 2009, p. 317).

Assim, Patrick Charaudeau nos leva a compreender que os imaginários, os saberes e as identidades, embora moldados por fatores sociais e discursivos, são ferramentas fundamentais para a maneira como os indivíduos percebem o mundo e interagem com ele. Eles revelam não apenas as dinâmicas sociais, mas também as tensões entre o individual e o coletivo, entre o discurso e a realidade.

O imaginário, muitas vezes associado a mitos ou lendas, vai além desses conceitos simplistas, pois se constitui como uma forma sócio-discursiva de interpretar o mundo, fundamentada nas interações sociais e nas experiências afetivas e racionais. Esse imaginário

cria valores, justificativas e interpretações que são simultaneamente pessoais e coletivas (Charaudeau, 2017, p. 577-579).

O mencionado autor assevera que o imaginário:

(...) pode ser qualificado de sócio-discursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. De fato, ele resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. Ele se constrói, assim, de sistemas de pensamento coerentes a partir de tipos de saber que são investidos, por vezes, de *pathos* (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si) ou de *logos* (o saber como argumento racional). Logo, os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva. (Charaudeau, 2017, p. 579)

Ressalte-se que os discursos criadores de imaginários:

(...) se produzem, como já dito, dentro de um domínio de determinada prática social que desempenha um papel de filtro axiológico. Isso permite compreender que um mesmo imaginário possa receber um valor positivo ou negativo, dependendo do domínio de prática no qual se insere. (Charaudeau, 2017, p. 579)

Segundo Charaudeau (2017, p. 572-573), os estereótipos podem ser tanto falsos quanto verdadeiros, mas revelam mais sobre quem os pronuncia do que sobre o objeto da caracterização em si. Esses estereótipos se inserem nas representações sociais, que moldam o imaginário coletivo de um grupo ou de uma sociedade como um todo. Essas representações fornecem aos indivíduos razões para agir, alimentando suas motivações e justificativas.

Em se tratando da construção da identidade da secretária executiva, é latente que esse processo sempre esteve intimamente ligado aos imaginários sociais que permeiam a profissão. Esses imaginários reforçam a invisibilização e o silenciamento da secretária executiva, reduzindo a sua representação a um mero apoio ao exercício do poder masculino, ou seja, uma profissional desprovida de autonomia e de reconhecimento no ambiente de trabalho.

Sousa e Melo (2023, p. 15.411) destacam que:

Historicamente, secretariado foi uma profissão predominantemente feminina e muitas das funções atribuídas a essa profissão foram vistas como "naturais" para as mulheres, como a capacidade de se comunicar e organizar. No entanto, essa naturalização das diferenças entre os gêneros pode ter levado a uma desvalorização do trabalho das secretárias e a uma falta de reconhecimento de suas habilidades e competências. (Sousa e Melo, 2023, p. 15.411).

Além disso, Marçal *et al* (2023, p. 108) nos dizem que:

Os secretários executivos, ao gerenciarem suas interações e apresentarem suas competências de forma estratégica, podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos e para a construção de uma imagem mais precisa e valorizada da profissão.

Em síntese, podemos observar que a representação da secretária executiva ainda é bastante marcada por vieses que associam feminilidade e subordinação, o que reverbera a ideia de que seu papel é meramente auxiliar.

Na próxima seção, delineamos os procedimentos metodológicos e as implicações nas abordagens discursivas de análise.

4 METODOLOGIA

Para este trabalho, a pesquisa qualitativa foi escolhida como o método mais adequado, tendo em vista que busca compreender os significados e as representações sociais por meio da análise discursiva. Para Paiva (2019, p. 13-16) a pesquisa qualitativa se distingue por seu foco em processos interpretativos, sendo particularmente apropriada para investigar fenômenos subjetivos e complexos.

Nessa perspectiva, a metodologia qualitativa permite a exploração detalhada de como a identidade da personagem é construída através das interações discursivas no filme, abordando os contextos de produção do filme e os interlocutores envolvidos, o que favorece a investigação dos imaginários sociodiscursivos que atravessam a profissão de secretária executiva, revelando como estes são reproduzidos, subvertidos ou renegociados no filme *A Secretária* (2002). Segundo Paiva (2019, p. 91) “é preciso também ter sensibilidade para interpretar os dados e, muitas vezes, ir além das palavras para entender o que o narrador está de fato querendo nos dizer.”

O *corpus* desta pesquisa é composto por cenas do filme que retratam a personagem principal em várias situações discursivas cotidianas. As cenas foram escolhidas a partir dos elementos relação de poder, dinâmica de submissão e autonomia, os quais nos permitem compreender melhor como são evocados os imaginários sociodiscursivos e são construídas as identidades discursivas. Como observado na introdução, diversas obras diferentes possuem representações estereotipadas da secretária, como no filme *Nove e Meia Semanas de Amor* (1986), na série *Mad Men* (2007-2015), na novela *Amor à Vida* (2014) e na música *Secretária* (2001), em que todas utilizam a figura da secretária em contextos sensuais e românticos.

Dessa forma, salientamos a contribuição do cinema para a criação dos imaginários sociais, tendo em vista que, ao colocar em tela a representação desses imaginários, o cinema alimenta que os sonhos e fantasias podem se tornar realidade dependendo do ambiente.

Para as análises dos dados, adotamos os seguintes procedimentos: transcrevemos as cenas selecionadas; fizemos uma leitura detalhada das falas das personagens e analisamos os

contextos das cenas; tentamos identificar nos discursos como as identidades e os imaginários foram construídos. Esse método de análise se baseia na premissa de que a linguagem é uma prática social que molda e reflete as identidades e as relações de poder.

Conforme Nascimento *et al.* (2020, p. 45), “Por meio da palavra, construímos ideologias, conceitos e símbolos que ganham conotações sociais e estabelecem relações entre os indivíduos e/ou instâncias – estas se estabelecem como relações de poder.”

A seguir, são apresentadas as análises discursivas, bem como algumas reflexões sobre a construção de identidades e os imaginários sociodiscursivos que são veiculados.

5 ANÁLISES DISCURSIVAS DOS DADOS

O filme *A Secretária* é uma comédia dramática, lançado em 2002, dirigido por Steven Shainberg, e estrelado por Maggie Gyllenhaal e James Spader nos papéis principais. A obra cinematográfica acompanha a trajetória de Lee Holloway (Maggie Gyllenhaal), uma jovem com histórico de distúrbios emocionais, que busca reconstruir sua vida assumindo um papel de secretária executiva no escritório do advogado Edward Grey (James Spader).

As nossas análises discursivas nos permitiram estabelecer o elemento “domesticação” como fio condutor da identidade discursiva da protagonista na trama. Nesse contexto, podemos categorizar essa identidade como sendo: a secretária executiva domesticada de modo psiquiátrico; a secretária executiva domesticada de modo sexual e afetivo; a secretária domesticada na esfera do lar.

Figura 1 – Cena 1



Fonte: *A secretária* (2002)

A primeira cena escolhida para análise ocorre entre 01:20 e 03:00 do filme. Ao iniciar a obra, é exibida a imagem acima (que será retomada posteriormente no filme). Lee realiza atividades cotidianas do âmbito secretarial enquanto usa acessórios associados às fantasias sexuais. Embora a cena não possua comunicação verbal, essa estratégia, muito utilizada no universo cinematográfico, de certo modo conduz a percepção do interlocutor acerca da identidade discursiva da personagem que será construída ao longo do filme. Assim, já no primeiro recorte, cria-se um efeito em que a profissão de secretariado é associada a estereótipos que sexualizam e erotizam secretárias.

Secretária executiva domesticada de modo psiquiátrico

Figura 2 – Cena 2



Fonte: A secretária (2002)

A cena escolhida para análise ocorre entre 03:01 e 03:40. Lee aparece arrumando sua roupa e saindo de uma clínica psiquiátrica onde esteve internada para tentar controlar sua compulsão por autolesão, hábito que foi retratado posteriormente no filme como presente desde a infância da personagem. Um doutor aparece e vai em direção a Lee. Ele se aproxima dela e fala: “Pode me ligar quando quiser, Lee. Sempre estarei à sua disposição”. Lee o responde: “Obrigada, Doutor Twardon”.

Na referida cena, fica evidente a representação masculina como um acompanhante e protetor neste processo de internação, que a abraça e fala palavras de consolo, enquanto Lee aguarda sua mãe ir buscá-la. Segundo Sá (2003, p. 38), refletir sobre o internamento é refletir sobre a origem da moralização da padronização do sujeito, e sobre como o que foge desse padrão é considerado loucura e deve ser excluído da maioria. Historicamente, essa domesticação do sujeito foi realizada por meio do cárcere e do afastamento social. No Brasil,

o cuidado psiquiátrico de pacientes foi mudando ao longo da história com as lutas antimanicomiais que culminou na Lei nº 10.216/2001 que ficou conhecida como a Lei da Reforma psiquiátrica, levando ao fechamento dos hospitais psiquiátricos e a abertura dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPs).

Ademais, o diálogo entre as personagens revelam estratégias linguístico-discursivas que intrinsecamente reforçam dinâmicas de poder e subordinação. Na fala do doutor, a construção discursiva traz elementos de cuidado e proteção, mas também pode ser interpretada como uma tentativa de manter controle sobre Lee, uma vez que ele enfatiza sua disponibilidade, o que pode criar uma relação de dependência. Já na resposta de Lee, a ausência de questionamento ou resistência indica um discurso de submissão, típico da imagem tradicional da secretária no imaginário social, sendo esse discurso os primeiros elementos da construção discursiva da identidade da personagem.

Segundo revelam Andrade, Viana e Silveira (2006, p. 44) as mulheres sofrem com maior frequência de transtornos afetivos, transtornos ansiosos, transtornos dissociativos e transtornos alimentares, o que reforça o recurso utilizado nessa cena, que ao final, sugere que esse aspecto da vida de Lee não será "curado".

Domesticação sexual e afetiva

Figura 3 – Cena 3



Fonte: A secretária (2002)

A cena analisada ocorre entre 13:00 e 16:30. Lee encontra um anúncio de jornal oferecendo uma vaga para secretária, percebendo ali uma oportunidade para se reintegrar à sociedade, logo decide se candidatar.

Durante a entrevista de emprego, Lee apresenta o anúncio da vaga para Edward,

dizendo de maneira objetiva: “Dizia, secretária”. Edward, por sua vez, inicia uma série de perguntas inesperadas, começando com: “Está grávida?”. A resposta de Lee, “Não tô, não”, vem de forma curta. Ele prossegue: “E você pretende engravidar?”, reforçando o interesse com a vida pessoal da personagem em detrimento de suas competências profissionais. A resposta: “Não”, mantém o padrão de concisão, construindo sua postura de submissão e uma possível necessidade de se adequar às expectativas do advogado. O interrogatório continua com um viés invasivo: “Você mora num apartamento?”. Ela responde com um simples: “Numa casa”, sem oferecer mais detalhes.

Edward insiste: “Sozinha?”. Essa pergunta denota um interesse em saber mais sobre a vida pessoal de Lee, sugerindo que ele busca informações sobre sua independência. A resposta dela, “Com os meus pais”, revela sua condição familiar e pode ser interpretada como um indício de dependência. Após isso, Edward disca um número no telefone enquanto ordena: “Quero que me traga uma xícara de café sem açúcar.”

Na cena mencionada, o diálogo entre as personagens principais é constituído pela ausência de questionamentos por parte de Lee, e suas respostas monossilábicas reforçam a assimetria de poder, em que o chefe dita as regras e a candidata apenas responde de forma passiva.

Também, a transição brusca entre a entrevista e a exigência de um café evidencia a naturalização de um papel servil para a secretária, como se a avaliação de suas competências fosse secundária em relação às expectativas tradicionais do cargo. Esse comando final consolida a relação de poder estabelecida ao longo do diálogo, reafirmando o imaginário identitário da secretária executiva como alguém que deve obedecer sem questionar.

Figura 4 – Cena 4



Fonte: A secretária (2002)

No intervalo entre 36:00 e 37:20, a sutileza da relação de poder e submissão mostrada no filme continua até o momento em que Edward fala sobre o modo como Lee se veste e se porta no escritório. Lee corrige uma carta a pedido de Edward e vai à sala dele informá-lo, então Edward inicia o diálogo: “Lee, quando as pessoas entram aqui, você funciona como meu cartão de visita, e o seu jeito de se vestir é horrível.”, associando a aparência da secretária à imagem da empresa. Diante dessa crítica, a resposta de Lee, “Me desculpe”, surge de maneira automática e submissa, sem argumentar ou justificar sua forma de se vestir. Edward continua: “Você está sempre batendo o pé e mexendo seu cabelo. Eu quero que você use uma touca ou pare de mexer no seu cabelo.”

Ele prossegue: “Outra coisa, já percebeu que está sempre fungando?” A pergunta, feita de forma acusatória, implica que há algo de errado com Lee, indicando uma postura de superioridade do chefe sobre a funcionária. Ele não apenas corrige, mas exige uma mudança comportamental, reforçando sua autoridade sobre ela até em aspectos físicos e involuntários. A resposta dela: “Eu fungo, é?”, evidencia surpresa e um certo desamparo, pois ela não estava consciente desse hábito.

Edward segue com mais uma crítica: “E qual o problema com a sua língua enquanto datilografa?”. Lee o responde dizendo: “Desculpa, mas eu não percebi que fungava.” Essa resposta reafirma sua postura de submissão e mostra a disparidade de poder na relação entre os dois. Edward, então, conclui a conversa com uma afirmação definitiva e categórica: “É, mas você funga”, invalidando qualquer possibilidade de contestação, encerrando a interação de maneira autoritária.

O diálogo desta cena traz clareza quanto às estratégias linguístico-discursivas, as quais evidenciam que a secretária é constantemente reduzida a defeitos e ao que precisa ser corrigido, reforçando uma dinâmica de poder desigual. Além disso, nota-se a tentativa de controle sobre a identidade profissional e corporal de Lee.

A utilização da expressão "cartão de visita" fortalece a argumentação de que Lee não é uma profissional autônoma, mas sim uma extensão de seu chefe, cuja apresentação deve refletir as expectativas dele. Portanto, a exigência de controle sobre seus gestos e aparência sugere um processo de moldagem da identidade profissional de Lee conforme os padrões que ele considera adequados, esse momento mostra a identidade de Lee como alguém que ainda não tem total percepção de si mesma no ambiente profissional e está constantemente sendo moldada pelo olhar externo.

Figura 5 – Cena 5



Fonte: A secretária (2002)

A cena 5, que ocorre a partir dos 47:30 até os 52:46, é essencial para entender a dinâmica de domesticação sexual e afetiva. Ao perceber erros nas cartas, Edward se dirige à recepção e, de maneira agressiva, questiona Lee: “O que é que há com você? Isso é tudo o que tem que fazer, datilografar e atender o telefone, é tão difícil assim?” Sua fala, com tom agressivo, minimiza o trabalho da secretária, reduzindo suas funções a tarefas mecânicas e sugerindo que o erro é inaceitável. Diante da explosão do chefe, Lee apenas responde: “Eu sinto muito”, resposta breve e submissa que indica o reconhecimento do erro.

Edward, insatisfeito, continua com o tom depreciativo: “Não se desculpe. Afinal, o que é que tem dentro dessa sua cabecinha de vento?” Ao usar essa expressão, ele infantiliza Lee e invalida sua capacidade intelectual. Edward volta para sua sala, mas ao ouvir Lee fungando novamente, retorna imediatamente à recepção e ordena: “Venha à minha sala e traga a carta.”

Ao entrarem na sala, Edward continua ditando suas ordens: “Ponha a carta na minha mesa. Agora se curve sobre a mesa, olhando diretamente para ela. Ponha seu rosto bem perto da carta e leia em voz alta.” Aqui, ele impõe uma postura corporal sexualizada, posicionando-se atrás de Lee, e exercendo um domínio físico sobre ela. Sua escolha de palavras transforma a correção do erro em uma situação de humilhação.

Lee, confusa, responde: “Eu não entendo.” Edward imediatamente diz: “Não há nada para entender. Coloque os cotovelos sobre a mesa, se curve, aproxime o rosto da carta e leia alto”, reafirmando que o papel de Lee é apenas obedecer.

Durante a leitura, ele dá fortes tapas em suas nádegas, transformando a situação em uma interação que ultrapassa os limites do ambiente profissional. O ato físico reforça sua

dominação, utilizando o erro de Lee como justificativa para um controle que não é apenas profissional, mas também corporal. Ao encerrar a cena, ele ordena: “Endireite-se e vá escrevê-la de novo.” Lee levanta-se da mesa e sai da sala.

Esse episódio marca o início definitivo de uma relação de poder e submissão com forte teor afetivo e sexual entre os dois, explorando o estereótipo da secretária como um objeto de desejo e, ao mesmo tempo, como alguém que encontra prazer na obediência ao chefe.

Nessa cena é possível identificar estratégias linguístico-discursivas como, por exemplo, as falas de Edward, marcadas por superioridade e impaciência, minimizam o trabalho da secretária, reduzindo suas funções a tarefas mecânicas e sugerindo que o erro é inaceitável. A interação enfatiza uma visão hierárquica rígida, na qual Lee é vista como incompetente por não cumprir corretamente um trabalho que, segundo ele, deveria ser simples. Sua estratégia discursiva não é apenas corrigir o erro, mas desmoralizá-la;

Enquanto por Lee, em vez de se justificar ou argumentar, ela aceita a crítica sem questionamento.

A interação verbal entre os personagens é essencial para a construção simbólica dessa cena. Edward, ao repreender Lee por seus erros, utiliza uma linguagem formal e objetiva, típica do ambiente corporativo, e seu tom de voz introduz um subtexto de dominação e desejo;

As instruções de Edward eram diretas – “Incline-se sobre a mesa olhando diretamente para ela”, “ponha o rosto bem perto da carta e leia em voz alta”, – utiliza verbos no imperativo – “incline-se”, “ponha”, “leia” – reforçando sua posição de comando. O ato de fazer com que ela leia a carta enquanto recebe tapas nas nádegas cria uma sobreposição entre linguagem profissional e linguagem corporal de submissão.

A ordem final “endireite-se e vá escrevê-la de novo” traz uma aparente normalização da situação, como se o que aconteceu fosse um método legítimo de correção. O discurso de Edward manipula a relação de poder, naturalizando a submissão de Lee e reforçando a construção de sua identidade dentro de um contexto de obediência total;

Embora Lee inicialmente pareça constrangida, seu tom de voz e sua postura corporal demonstram um tipo de aceitação passiva, sugerindo prazer na obediência, o qual reforça o arquétipo da secretária que não apenas aceita, mas também deseja ser dominada pelo chefe.

Além disso, num primeiro momento, o consentimento de Lee não é explicitamente mostrado, mas acaba sendo sugerido ao telespectador. Entretanto, as cenas subsequentes deixam claro que a personagem não apenas aceita a situação, como também passa a sentir afeto e paixão por Edward. No contexto profissional, essa construção narrativa tem

implicações diretas, pois reforça duas interpretações distintas: para o homem que assiste ao filme, pode alimentar a crença equivocada de que as secretárias executivas, no imaginário coletivo, desejam ser dominadas por seus superiores hierárquicos. Já para as mulheres, essa abordagem é problemática, pois transmite a mensagem de que o consentimento não precisa ser claro e explícito, contribuindo para justificar dinâmicas que poderiam ser interpretadas como assédio sexual.

Diante disso, cabe ressaltar que, perante o Art. 3º do Capítulo 1 do Código de Ética dos Profissionais de Secretariado, todas as normas éticas são transgredidas, a qual estabelece:

Cabe ao profissional zelar pelo prestígio e responsabilidade de sua profissão, tratando-a sempre como um dos bens mais nobres, contribuindo, através do exemplo de seus atos, para elevar a categoria, obedecendo aos preceitos morais e legais. (FENASSEC, 1989).

Ao misturar o profissional com o pessoal, especialmente ao reforçar um estereótipo tão antigo quanto a sexualização da figura da secretária, há uma violação desse mandamento ético, comprometendo a elevação e o prestígio da categoria.

Segundo Martins, Sobrinho e Santos (2023, p. 4258):

É possível que estratégias que envolvam a atenuação das relações hierárquicas de trabalho, a idealização de relações interpessoais mais amistosas e o ensejo do envolvimento sexual sejam elaboradas de forma monocrática e unidirecional nas obras, contribuindo para a consolidação de imaginários sociais que reforçam o estigma e a subalternização do gênero mulher no âmbito organizacional em que a secretária está inserida. (Martins, Sobrinho e Santos, 2023, p. 4258).

Embora seja problemática, essa cena é necessária para compreender como o filme contribui para a construção de um imaginário errôneo sobre a profissão de secretariado. Ao apresentar essa cena no corpo da construção identitária da personagem, uma secretária que aceita e se submete a uma relação de poder baseada em punição e prazer, *A Secretária* (2002) reforça um estereótipo já amplamente disseminado na cultura popular: o da secretária como objeto de desejo e como alguém que encontra satisfação em sua posição de subordinação.

Nesse imaginário popular, a secretária é vista como uma extensão do chefe masculino, encarregada de executar suas ordens e organizar seu espaço de trabalho, sem grande poder de decisão, refletindo uma visão de gênero tradicional, onde o homem ocupa a posição de poder e a mulher, a de subordinação. Essa visão é notoriamente reforçada nas interações entre os protagonistas, sendo Lee, retratada como uma secretária passiva e obediente, disposta a satisfazer as exigências de seu chefe, mesmo quando essas exigências ultrapassam os limites do que seria considerado profissional.

Figura 6 – Cena 6



Fonte: A secretária (2002)

A cena 6, que ocorre entre 55:45 e 59:25 está inserida entre uma sequência de repetição, a qual intensifica progressivamente a carga erótica e sexualizada. Lee está deitada na cama de seu quarto, enquanto fuma e lê uma revista sobre atração masculina, o que começa a despertar várias alucinações com seu chefe em um contexto sexual. Durante esse momento, de olhos fechados e com as mãos em suas próprias partes íntimas, a personagem diz: “Eu sou sua secretária; sou sua secretária”, ao mesmo tempo em que assume o papel de objeto erótico para o advogado. O modo como a frase é utilizada implica numa estratégia linguístico-discursiva que diminui a importância da profissão de secretária executiva, pois está inserida em um cenário de objetificação feminina. A construção desse momento sugere que a posição de secretária concede ao chefe o direito de tratá-la da maneira que desejar, apenas pelo fato de ocupar a posição de secretária.

A partir disso, o filme prossegue com as funções secretariais como o cerne do fetichismo, sendo exploradas de diversas formas, por meio do uso de objetos característicos do ambiente de trabalho, vestimentas formais associadas à profissão, cenários que remetem ao espaço corporativo, além da linguagem e da dinâmica interpessoal típicas da atividade secretarial.

Domesticação na esfera do lar

Figura 7 – Cena 7



Fonte: A secretária (2002)

A cena 7 é a última cena a ser analisada e ocorre entre 1:44:44 e 1:46:32. Lee e Edward estão vivendo juntos como um casal. A transição é narrada por Lee: “Nossas atividades se fundiram numa espécie de vida cotidiana” sugerindo um esforço de adaptação à nova rotina. Ela segue: “E nós até parecemos um casal comum” indicando uma consciência de que há algo de incomum nessa união. Eles arrumam a cama juntos e Edward fala: “Espera aí, vira ali. Estica! Eu gosto que os travesseiros fiquem bem macios e bem esticados também.” expondo suas preferências diante das atividades domésticas. E por fim, Lee finaliza narrando para o telespectador: “Nós nos casamos em junho, só nós e um juiz de paz” reforçando a oficialização da relação. Continua: “E depois, passamos a lua de mel nas montanhas, mas foi só um fim de semana, porque o Edward tinha que voltar ao trabalho”. A justificativa para a curta duração da lua de mel reitera a centralidade do trabalho e da hierarquia na dinâmica do casal, ecoando a relação prévia entre chefe e secretária.

A cena final do filme *A Secretária* (2002) é o último momento para a análise discursiva da identidade da personagem, a qual apresenta a transição de secretária para esposa e dona de casa.

Diante desses discursos, a cena em questão utiliza uma combinação de estratégias linguístico-discursivas para a consolidar a identidade da secretária dentro da narrativa. Assim, podemos identificar algumas implicações:

As frases narradas por Lee “nos casamos”, “fomos para lua de mel” e “nós até parecemos um casal comum” sugere que Lee encontrou seu lugar ao se dedicar inteiramente ao lar e ao relacionamento com Edward. Assim, entende-se que a submissão ao marido não é

vista como uma imposição, mas como uma escolha pessoal e confortável para a protagonista. A narração de Lee estabelece um contraste entre a aparente normalidade da relação e os elementos de submissão que ainda a permeiam.

Luigli (2014, p. 997-998), em sua resenha sobre o livro *Homeward Bound: Why Women Are Embracing the New Domesticity*, de Emily Matchar, discute como jovens mulheres altamente qualificadas têm deixado o mercado de trabalho — frequentemente marcado pela desvalorização e desprezo pelas mães — para se dedicarem às atividades domésticas. Essas mulheres buscam resgatar a romantização da figura da dona de casa dos anos 1950, mas com um diferencial: transformar essas atividades em fontes de renda por meio de blogs e redes sociais. A chamada “nova domesticidade” aborda mulheres com alto nível de escolaridade que abandonam empregos formais, seja pela dificuldade em equilibrar trabalho e maternidade, pelas disparidades salariais ou simplesmente pelo desejo de adotar um estilo de vida mais próximo aos ideais domésticos, conforme mostrado no caso de Lee.

Segundo Fleck *et al.* (2019, p. 9-10), os fatores familiares e sociais são determinantes mais presentes na vida das mulheres do que na dos homens, refletindo o histórico papel de gênero em que o espaço privado é associado às mulheres, enquanto o espaço público é dominado pelos homens.

Por outro lado, ao analisar o personagem Edward nesse último recorte, é notório que Lee, na verdade, está carregada por uma dependência emocional e o advogado se aproveita disso para mantê-la sob seu controle, utilizando-a para benefício próprio, ao relatar a forma como prefere a organização da casa “Eu gosto que os travesseiros fiquem bem macios e bem esticados também”. Essa construção linguística reforça a continuidade de um papel de controle e comando, agora transposto do ambiente profissional para o doméstico. Assim, a identidade da secretária não é apagada com o casamento, mas resignificada: sua função de organizar, obedecer e antecipar as necessidades do chefe permanece, apenas deslocada para o contexto conjugal.

Essa cena sela a trajetória de Lee em direção a uma identidade que sustenta estereótipos femininos tradicionais ao mesmo tempo em que reafirma sua individualidade. No início, a identidade da secretária é construída em torno de problemas psicológicos seguido da submissão profissional, todavia, ao abandonar o trabalho para assumir o papel de esposa e dona de casa, sua identidade passa por um processo de resignificação que, dentro de um olhar crítico, pode ser visto como uma reafirmação das expectativas patriarcais.

Assim, a cena sugere que, mesmo dentro de um novo status social, a secretária continua ocupando um lugar marcado pela disciplina, pela submissão e pela necessidade de

atender às demandas de um homem que ocupa uma posição de autoridade. A narrativa, portanto, utiliza essas estratégias discursivas para demonstrar que a identidade da secretária é, em grande parte, construída a partir da relação com o outro.

Dessa forma, *A Secretária* (2002) encerra a narrativa com uma aparente estabilidade na identidade de Lee, mas essa estabilidade é fundamentada em uma estrutura que limita a autonomia feminina. Essa conclusão ilustra como o discurso cinematográfico pode influenciar e enraizar dinâmicas de poder, ainda que sob a perspectiva de uma escolha individual.

A seguir, apresentamos algumas reflexões sobre a tríade cinema, identidades e imaginários sociodiscursivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar como ocorre o processo de construção da identidade discursiva da personagem Lee Holloway no filme *A Secretária* (2002), com o intuito de desvelar os contextos históricos e sociais.

Essa pesquisa nos permitiu compreender como a construção da identidade discursiva da personagem Lee Holloway no referido filme está intrinsecamente ligada a aspectos históricos, sociais e culturais. A análise revelou que o discurso cinematográfico pode contribuir significativamente para a perpetuação de determinados imaginários que permeiam a atuação da secretária executiva no mercado de trabalho.

No que se refere aos objetivos específicos, pudemos identificar e analisar as estratégias linguísticas utilizadas para compor a identidade discursiva da personagem. Os diálogos, a escolha das palavras e a construção das interações comunicativas resultam num perfil que oscila entre submissão e erotização, sustentando estereótipos de gênero. Além disso, foi possível desvelar os imaginários sociodiscursivos que permeiam a figura da secretária no cinema, associando-a a padrões que destoam da realidade da profissão e de sua evolução histórica.

A metodologia adotada combinada com os pressupostos da análise de discurso de Charaudeau foram essenciais para compreender como a comunicação estabelecida no filme molda as representações da personagem. Através do estudo das condições de produção do discurso, identificamos como o enunciador, no caso o filme, organiza estrategicamente os sentidos para construir uma imagem específica da secretária executiva. Esse processo discursivo é fundamental para a manutenção de estereótipos e para a legitimação de determinadas narrativas sobre identidade e gênero no cinema.

Foram explorados o desenvolvimento histórico da profissão de secretária executiva, destacando como, ao longo dos séculos, o papel da secretária foi marcado por estereótipos de gênero que associavam a figura feminina à subordinação e à obediência no ambiente de trabalho. Esse pano de fundo histórico torna-se crucial para compreender como o imaginário social em torno da secretária foi formado e reforçado, especialmente no cinema. Contudo, pôde ser analisado no filme, que essas representações limitadas e estereotipadas ainda persistem, apesar dos avanços na regulamentação e no reconhecimento da profissão.

Além disso, os resultados demonstraram que a personagem é moldada dentro de um discurso que a coloca em 3 principais posições de tentativas de controle: o controle mental por métodos de internação psiquiátrica; o controle organizacional por métodos de dominação e afeição; e o controle patriarcal pelo método de domesticação *per se*.

Com base nas análises desenvolvidas, conclui-se que a identidade discursiva da personagem Lee Holloway é construída a partir de um imaginário que ainda está enraizado em representações tradicionais da feminilidade; e que a narrativa do filme reforça concepções estereotipadas sobre a secretária executiva, enfatizando uma relação hierárquica em que a figura feminina se encontra em posição de subalternidade. Embora a trama apresente aspectos de transformação da personagem, essa mudança ocorre dentro de um quadro discursivo que mantém a dependência emocional e profissional como elementos centrais de sua construção identitária.

Diante disso, pode-se afirmar que os objetivos do trabalho foram plenamente alcançados, uma vez que foi possível identificar e analisar as estratégias linguísticas e discursivas que contribuem para a construção da identidade da personagem, bem como compreender como esses elementos reforçam e ressignificam estereótipos já existentes.

Com os dados obtidos, é possível questionar e transformar a forma como a identidade da secretária é representada no imaginário social e profissional. Os resultados dessa análise podem servir como base para discussões acadêmicas e profissionais sobre os impactos dessas representações na valorização da profissão. Este estudo também amplia a discussão sobre a necessidade de reformulações nas narrativas audiovisuais para que estas possam oferecer representações mais diversificadas e condizentes com as transformações da sociedade.

Por síntese, apesar da tentativa de subversão, a obra enfrenta diversas problemáticas em sua abordagem da figura da secretária e da mulher no ambiente de trabalho, reforçando o imaginário de que a secretária é naturalmente submissa, sexualizando sua posição em um contexto de poder masculino. A narrativa se desvia da profissão de secretária como uma atividade administrativa complexa e essencial para o funcionamento das empresas modernas,

reduzindo-a a um jogo de controle entre chefe e subordinada, em uma representação limitada da profissão e da figura feminina.

Ademais, o crescimento da presença feminina em cargos de liderança e o impacto das tecnologias digitais sugerem novas possibilidades para uma representação mais fiel e moderna das profissionais de secretariado executivo. Atualmente, é possível perceber uma modesta atualização da representação da profissão de secretariado, entretanto, ainda persistem retratos estereotipados e limitantes da secretária, o que revela a resistência de certas narrativas em acompanhar as transformações sociais e profissionais em curso.

O cinema, ao abandonar os estereótipos de gênero que historicamente sexualizam ou subestimam o papel da secretária, poderia contribuir para uma reinterpretação mais empoderada e diversificada da profissão de secretariado. Isso porque os roteiros teriam a oportunidade de representar com mais fidelidade a complexidade e a importância estratégica dessa função no contexto corporativo contemporâneo. Assim, ao construir personagens de secretárias executivas que atuam em processos realistas de gestão e posicionamento estratégico, o cinema resgata a dignidade da profissão e inspira a sociedade a valorizá-la sob uma perspectiva mais equitativa.

Para futuras pesquisas, recomenda-se a ampliação do escopo de análise para outras produções cinematográficas que abordam a profissão de secretariado executivo, possibilitando uma visão comparativa entre diferentes representações. Além disso, investigações interdisciplinares, que dialoguem com os campos dos estudos de gênero, sociologia e comunicação, podem enriquecer ainda mais o debate sobre identidade discursiva e imaginários no cinema.

REFERÊNCIAS

AMADO BATISTA. Secretária. Goiânia: RCA Victor: 2001. Youtube (4:15 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=secretaria+amado+batista>.

AMOR à Vida. Direção: Mauro Mendonça Filho e Wolf Maya. Produção: TV Globo. Número de temporadas: 1. Data de publicação: 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014. Número de episódios: 221. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/amor-a-vida/>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

ANDRADE, L. H. S. G.; VIANA, C. M.; SILVEIRA, C. M. Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. **Revista de Psiquiatria Clínica**, [São Paulo], 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpc/a/fjvW8JgthHDhGjhyDxyVRZj/>>. Acesso em 3 fev. 2025.

ARAGÃO, Érika Ramalho. **As novas competências do profissional de secretariado executivo**: foco em empresas de Fortaleza. 2010. 52, [16] f. Monografia (Graduação em Secretariado Executivo) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/34805/1/2010_tcc_erarag%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

A secretária. Direção: Steven Shainberg. Produção: Steven Shainberg. Data de publicação: 2002 (1h 44 minutos). Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0274812/>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

AZEVEDO, I.; COSTA, S. I. **Secretária**: um guia prático. São Paulo: Senac, 2006.

BARROS, C. de M. P.; IZEQUIEL, D. S. A.; SILVA, J. S. Os desafios enfrentados pelo profissional de Secretariado Executivo do gênero masculino nas organizações contemporâneas. *Revista de Gestão e Secretariado, [S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 158–176, 2011. DOI: 10.7769/gesec.v2i1.50. Disponível em: <<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/50>>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BORTH, M. R.; PORTELA, K. C. A.; SCHUMACHER, A. J. **Ferramentas do secretário executivo**. 2. ed. Cuiabá: Portal do Secretariado, 2013.

BRASIL. Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Dispõe sobre o exercício da profissão de Secretário e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 1 out. 1985. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7377.htm>. Acesso em: 15 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.261, de 10 de janeiro de 1996. Altera a redação dos incisos I e II do art. 2º, o caput do art. 3º, o inciso VI do art. 4º e o parágrafo único do art. 6º da Lei nº 7.377, de 30 set. 1985. Brasília, DF: **Presidência da República**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9261.htm>. Acesso em: 29 jan. 2025.

CARVALHO, Antônio Pires de; GRISSON, Diller Silva. **Manual do secretariado executivo**. São Paulo: DCL, 1998, 588p.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional, In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. Tradução: SILVA, A. L.; ANGRISANO, R. M. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, ano 7, v. 7, n. 1, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28575>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

DOMESTICAÇÃO. In: **Michaelis, Dicionário Online de Português**. Editora Melhoramento. [S. L.], [20--], Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/XwvG/domestica%C3%A7%C3%A3o/#:~:text=Dicion%C3%A1rio%20Brasileiro%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa&text=1%20Ato%20u%20feito%20de,atividades%20de%20seu%20pr%C3%B3prio%20proveito>> . Acesso em: 13 fev. 2024.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, [São Paulo], v. 42, n. 146, p. 351–367, ago. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/zrnhPNJ4DzKqd3Y3nq7mKKH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

FENASSEC. **Código de Ética**. [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://fenassec.com.br/site/b_osecretariado_codigo_etica.html>. Acesso em: 24 jan. 2025.

FLECK, C. F.; BIDARTE, M. V. D.; MELLO, E. M. B. Para o lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família. **Revista Gênero**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 6-24, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31289>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

FUÃO, Fernando. Família: arquitetura e domesticação. **Revista Estética e Semiótica**, [Brasília], v. 12, n. 2, p. 22-47, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/45832>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

GARCIA, Carla Cristina. **Ovelhas na névoa**: um estudo sobre as mulheres e a loucura. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

LUGLI, Daniele M. Nova domesticidade: a opção feminina pelo lar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 997–998, set. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/56zv33GqNzmn4jKd5pwJXZs/>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MAD Men. Direção: Matthew Weiner. Produção: Lionsgate Television. Número de temporadas: 7. Plataforma: Amazon Prime Video. Data de publicação: 2007–2015. Disponível em: <<https://www.primevideo.com>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MARÇAL, Maria Christianni Coutinho Marçal; SILVA, Andreza Zeneide Romana Da; VIEIRA, Ricardo Sérgio Gomes. Estereótipos e autoestima no secretariado executivo: perspectiva de estudantes universitários. In: VIEIRA, Ricardo Sérgio Gomes; ARRUDA, Geisy D'Ávila; MOURA, Guilherme Lima. **Temas Contemporâneos na Formação e Atuação do Secretário Executivo**. Brasília: Enterprising, 2024. p. 103-123. Disponível em: <https://livros.editoraenterprising.net/index.php/e-books/catalog/view/147/112/331>. acesso em: 09 abr 2025.

MARTINS, L. G. T. B. S.; SOBRINHO, M. A. de S. B.; DOS SANTOS, M. C. F. Imaginários sociais e construção de identidades discursivas de secretárias executivas na ficção. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 4256–4273, 2023. Disponível em: <<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1886>>. Acesso em: 7 jan. 2025.

MATIELLO VAZ, C. de F.; TEREZINHA LAIMER, R. A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento da profissão de secretária. **Secretariado Executivo em Revist@**, [S. L.], v. 6, 2011. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/1783>>. Acesso em: 22 set. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 20 anos da Reforma Psiquiátrica no Brasil: 18/5 – Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Disponível em:

<https://bvsmms.saude.gov.br/20-anos-da-reforma-psiquiatrica-no-brasil-18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

NASCIMENTO, C.F.S; GABRIEL, G. A.; SOUZA JUNIOR, H. F.; MACIEL, I. C. S. *Análise de discurso crítica: conceitos chave*. Prefácio de Viviane Vieira.– 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2020. Disponível em: <<https://www.uece.br/wp-content/uploads/2021/08/An%C3%A1lise-de-Discurso-Cr%C3%A1tica-VOL1-conceitos-chave.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2025

NONATO JÚNIOR, Raimundo. **Epistemologia e teoria do conhecimento em Secretariado Executivo**. Fortaleza: Expressão gráfica, 2009.

NOVE e meia semanas de amor. Direção: Adrian Lyne. Produção: Metro-Goldwyn-Mayer, Producers Sales Organization. Plataforma: Amazon Prime Video. Data de publicação: 1986 (1h 56 minutos). Disponível em: <<https://www.primevideo.com>>. Acesso em: 14 mar. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

REIS, A. C. G.; MARREIRO, B. A. de A. Concepções em torno da profissão de secretariado executivo: uma análise discursiva crítica. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 103–125, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/11590/19193>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

REIS, A. C. G. **Imagens e imaginários da profissão de secretariado na Revista Excelência**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-96LPS4>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

RODRIGUES, P. J.; MILANI, D. R. da C.; CASTRO, L. L. de O. CELESTE FILHO, M. **O trabalho feminino durante a revolução industrial**. [São Paulo], [2012?]. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf>. Acesso em: 19. jul. 2024.

SABINO, R. F.; ROCHA, F. G. **Secretariado: do escriba ao webwriter**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

SÁ, Carmen Gomes de. **Da patologização da loucura à domesticação do sujeito: uma leitura do esquadramento da subjetividade moderna na perspectiva de Foucault**. Dissertação (Pós-Graduação). Brasília, 2003. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1883>>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SILVA, Simone Rezende da. **Secretário Executivo: Uma análise da profissão frente às perspectivas da identidade e competências**. Dissertação (Pós-graduação). Londrina, 2021. Disponível em <<https://www.uel.br/pos/ppga/attachments/dissertacoes/Dissertacao%20simone%202021.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2025

SOUSA, G. da S.; DE MELO, S. M. C. Secretariado Executivo e os Estereótipos de Gênero . **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. L.], v. 14, n. 9, p. 15408–15426, 2023. Disponível em: <<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/2595>>. Acesso em: 24 set. 2024.